

**ABDALA**, Rachel Duarte\*

<https://orcid.org/0000-0002-6936-5329>

**VICTOR**, Nathália M. Novaes\*\*

<https://orcid.org/0000-0003-3829-8829>

**GARRIDO**, Mírian Cristina de Moura\*\*\*

<https://orcid.org/0000-0002-0995-0489>

**RESUMO:** O objetivo, neste artigo, é analisar o lugar que as instituições museológicas ocupam nas sociedades, a partir de estudo de caso na cidade de Taubaté - SP, na qual existe uma quantidade significativa de museus: um conjunto de dez instituições. Para realização da análise foram considerados os contextos sociais brasileiros e o da cidade pesquisada, correlacionando-os aos dados de pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Metodologicamente, foi realizada pesquisa na documentação dos museus da cidade e pesquisa de campo sobre seus aspectos estruturais, considerando-se a história institucional, a curadoria das exposições permanentes, a infraestrutura e o fluxo de visitantes. Com relação a este último elemento, o foco recaiu sobre o Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato - MHFPML, por ser o mais visitado da cidade de Taubaté. Metodologicamente, foram coletados dados de visitação nos registros dos livros de frequência ao MHFPML. Concluiu-se que o lugar dos museus nas sociedades é composto pela existência concreta das instituições e pela relação de sua história com o contexto social, e que o caso de Taubaté apresenta aspectos específicos, aqui estudados.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Institucional; museologia; visitação.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to analyze the place that museum institutions occupy in societies, based on a case study in the city of Taubaté - SP, where there is a significant number of museums: ten institutions in total. To carry out the analysis, the Brazilian social contexts and the researched city were considered, correlating them with data from research carried out by Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Methodologically, research was carried out on the documentation of the city's museums and field research on their structural aspects, considering the institutional history, the curation of permanent exhibitions, the infrastructure and the flow of visitors. Regarding this last element, the focus falls on the Monteiro Lobato Historical, Folkloric and Pedagogical Museum - MHFPML, as it is the most visited in the city of Taubaté. Methodologically, visitation data was found in the records of the MHFPML attendance books. It is concluded that the place of museums in societies is formed from the concrete existence of institutions and the relationship between their history and the social context, and that the case of Taubaté presents specific aspects, studied here.

**KEYWORDS:** Institutional History; museology; visitation

---

\* Coordenadora e docente permanente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano da UNITAU. Coordenadora pedagógica do Curso de licenciatura em História da UNITAU. Mestre (2003) e Doutora (2013) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Docente do Curso de História da Universidade de Taubaté. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE) da Universidade de São Paulo. Coordenadora do subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID) na Universidade de Taubaté.

\*\* Arquiteta e Arte-Educadora, graduada pela Universidade de Taubaté em 2010, pós-graduada em História da Arte em 2017 e Mestra em Desenvolvimento Humano pela UNITAU, com pesquisa desenvolvida na área da Educação Patrimonial.

\*\*\* Docente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano da UNITAU, Professora do Centro Paula Souza, Pós-doutora em História pela UNIFESP, Doutora e Mestra em História pela UNESP. Atua nos temas identidades, memórias, escritas de si, História e Cultura Afro-brasileira e Africana, com ênfase em Moçambique.



## INTRODUÇÃO

Pensar o lugar que alguma coisa ocupa implica conhecer sua história e as relações estabelecidas com seu contexto ao longo do tempo. Recorrendo a Michel de Certeau (2014), concebe-se que o lugar se estabelece em articulação com o espaço e a sociedade. Para o autor o espaço é lugar praticado e, neste sentido, deve-se percebê-lo a partir das práticas nele realizadas. Outra perspectiva teórica a que se recorreu para a elaboração deste estudo foi a de Pierre Nora (1993), que especifica o museu como um “lugar de memória”. Além dessas referências teóricas, a análise também foi fundamentada em obras de autores que se dedicam a refletir sobre a função das instituições museológicas na sociedade, como Dominique Poulot (2009).

A partir desses aportes teóricos, procurou-se investigar e analisar o lugar que o conjunto de instituições museológicas de Taubaté ocupa no espaço da cidade como lugares demarcados que têm a função de evocar a memória individual e coletiva da população. Procurou-se também perceber as peculiaridades do caso do conjunto de instituições museológicas de Taubaté, para compreender a função social dos museus. Para tanto, foi necessário ainda considerar as discussões acerca do conceito de “Patrimônio Histórico”, bem como sobre o de “museu histórico”.

Para contextualizar o território, importa saber que, fundada em 1645, no início do período colonial brasileiro, como vila, pelo bandeirante Jacques Félix, Taubaté teve desenvolvimento histórico-cultural está relacionado diretamente ao do país. Maria Morgado de Abreu (1985), que estudou a trajetória e a relevância de Taubaté no desenvolvimento da História do Brasil, qualifica a cidade, em uma alusão ao movimento bandeirantista, como “núcleo irradiador”. Em sua obra, a autora destaca a participação de Taubaté e dos taubateanos nos diversos momentos históricos do Brasil e analisa o desenvolvimento econômico centrado no processo de industrialização da cidade, em decorrência de sua localização e da construção da rodovia Presidente Dutra, na década de 1950. Essa percepção da importância histórica da cidade é corroborada por vários autores, dentre eles, Caio Prado Júnior, que na obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, identifica a cidade como núcleo importante ao analisar a posição de destaque do vale do Paraíba na expansão paulista:



É uma velha zona [o vale do Paraíba] ocupada desde o início da colonização e por onde transita o caminho que leva às minas gerais. Ao longo deste caminho se tinham formado núcleos importantes, como Taubaté, que teve casa de fundição onde o ouro de Minas Gerais foi a princípio quintado. (PRADO JÚNIOR, 2000, p. 75)

Ao estudar o desenvolvimento industrial de Taubaté, Silvio Costa (2005, p. 37) também aponta a relevância da cidade: “A retomada histórica de Taubaté evidencia o lugar de destaque ocupado por esta localidade na história da região valeparaibana, sobretudo no período que se estende da sua fundação, no século XVI, até meados do século XX [...]”.

No que se refere aos aspectos geográficos e demográficos, o município de Taubaté localiza-se em uma região estrategicamente situada, próxima à capital do Estado, ao Rio de Janeiro e ao sul de Minas Gerais. Localiza-se na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVLN). De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no censo de 2022 o município contabilizou 310.739 habitantes.

No que se refere às instituições museológicas, a cidade dispõe de 10 museus consolidados: 1) Museu Histórico Prof. Paulo Camilher Florençano; 2) Pinacoteca Anderson Fabiano; 3) Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato - MHFPML; 4) Museu da Imagem e do Som de Taubaté - MISTAU; 5) Museu do Transporte, 6) Museu de Arte Sacra Dom Epaminondas - MASDE; 7) Museu da Imigração Italiana de Quiririm; 8) Museu da Agricultura de Quiririm; 9) Museu Mazzaropi; 10) Museu de História Natural de Taubaté. Destes, oito deles são públicos, e os dois últimos são de iniciativa privada, embora o Museu de História Natural tenha recebido apoio da prefeitura, na sua criação e instalação.

Em relação a outras cidades paulistas e às demais regiões do país, Taubaté tem um número considerável de museus. De acordo com dados do Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa realizada no ano de 2010, verifica-se a grande concentração de museus nas capitais de grande porte e nas regiões metropolitanas. Percebe-se também que a porcentagem de museus no país é consideravelmente baixa, pois, em 78,9% dos municípios brasileiros não há unidades museológicas (IBRAM, 2011, p. 53-54). Esse percentual é alto e reforça a constatação da especificidade do caso da cidade de Taubaté, pois, enquanto em mais da metade



dos municípios do Brasil não há museus, Taubaté possui um significativo número deles, de modo articulado com sua história.

Dos 5.564 municípios brasileiros, 4.390 (78,9%) não possuem museus e, entre os 1.174 municípios (21,1%) que apresentam instituições museológicas, 1.106 dispõem, no máximo, de cinco museus. Nos 68 municípios restantes, existem seis ou mais instituições, o que evidencia forte assimetria na distribuição de museus no território brasileiro. Em contraposição aos 771 municípios brasileiros com apenas um museu, cinco municípios concentram 460 instituições museológicas, sendo a cidade de São Paulo o maior expoente, com 132 museus. (IBRAM, 2011, p. 53-54)

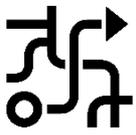
Essa informação já indica um lugar de relevância das instituições museológicas na cidade de Taubaté e sua particularidade nessa área. Ainda que os indicadores sejam relevadores, a análise não se restringe a eles, porque engloba a preocupação da cidade com a preservação da sua memória e de sua História.

De acordo com informações, o primeiro museu de Taubaté foi fundado por Félix Guisard Filho, médico e historiador, auxiliado por um grupo de interessados na história e no Patrimônio taubateano, em 22 de julho de 1935, com a denominação de Museu Histórico<sup>1</sup>. A instituição foi instalada num antigo casarão construído em meados do século XIX pelo Visconde de Tremembé. Nesse casarão, mais tarde funcionou o Ginásio Taubateano.

Importa aqui realçar a aderência de Taubaté ao movimento de âmbito nacional de valorização da cultura nacional, iniciado na década de 1920, que teve seu ápice em 1937, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), pelo Decreto-lei 378, de 13 de janeiro de 1937 ([https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/l0378.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l0378.htm)), que dispõe, em seu Capítulo III, seção III artigo 46: “Fica creado o Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional, com a finalidade de promover, em todo o paiz e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimonio historico e artístico nacional.” Oliveira (2008) afirma que esse movimento foi liderado por intelectuais e artistas, dentre os quais se destacam Rodrigo Melo Franco de Andrade e Mário de Andrade. No entanto, deve-se frisar que o movimento foi marcado por tensões internas, pois esses dois intelectuais que tiveram proeminência neste processo tinham visões extremamente distintas, e o que foi

---

<sup>1</sup>Informações consolidadas no Plano Museológico do Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato - MFHPML, 2010.

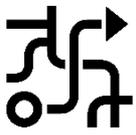


proposto por Mário de Andrade pouco foi absorvido na gestão de Rodrigo Melo Franco de Andrade, primeiro diretor, na implantação do SPHAN (Peregrino, 2012, p. 94). Em 1936, Mário de Andrade, que então chefiava o Departamento de Cultura de São Paulo, elaborou, a pedido de Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde, o anteprojeto de criação do SPHAN. Peregrino (2012) analisa as tensões na criação do SPHAN apresentando os motivos do anteprojeto de Mário de Andrade não ter sido totalmente considerado na sua implantação. O SPHAN, que recebeu outra denominação ao longo do tempo, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) continua atuante como instituição responsável pela política federal de patrimônio no Brasil.

Márcia Chuva (2020) analisa a historicidade dos sentidos de patrimônio e, para isso, analisa concepções e práticas institucionais do patrimônio cultural e do folclore no Brasil, a partir das diferenças entre esses dois conceitos. A autora considera a interface entre as discussões acadêmicas e as políticas públicas e o percurso histórico dessa relação e as singularidades do processo de consolidação dessas políticas no país.

No período de implementação do SPHAN o foco era a preservação de prédios, denominada como a “política de pedra e cal”, instituída por Rodrigo Mello Franco e criticada posteriormente. Peregrino (2012, p. 90) afirma que esse “[...] modelo de defesa do patrimônio era considerado elitista e não representativo da pluralidade cultural brasileira”. Nesse período o patrimônio era qualificado e denominado como histórico. Ao longo do tempo, com as mudanças de diretrizes, de contextos e de percepções, abriu-se discussão sobre o uso de expressão considerada mais abrangente e adequada: Patrimônio Cultural. Somente a partir da Constituição de 1988, quando foi oficializada no texto legal a expressão “Patrimônio Cultural”, a expressão passou a ser utilizada de modo mais corrente, refletindo as mudanças de percepção e de políticas públicas.

A mesma lógica de problematização de termos e conceitos pode ser aplicada à ideia de prédio histórico. Questiona-se hoje, num debate que pode ser considerado amplo porque não se restringe aos centros acadêmicos e engloba políticas públicas, a atuação ativa de comunidades na perspectiva das discussões decolonialistas e de visibilização e valorização das diversidades. Em geral, na chamada fase heroica e elitista de implantação do SPHAN no contexto autoritário do governo Vargas, os

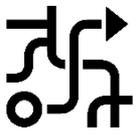


prédios que foram transformados em museus eram, em sua maioria, os que representavam o passado elitista das cidades, como no caso exemplar aqui analisado, do Museu Monteiro Lobato.

Em Taubaté, um dos principais responsáveis pela existência de museus na cidade foi Paulo Camilher Florençano, taubateano, professor, museólogo, educador, artista, historiador e intelectual que se empenhou em recuperar o antigo Museu Histórico na década de 1970. Falecido em 1988, Paulo Camilher Florençano foi homenageado um ano depois, em 1989, pois a Lei n.º 2.408, de 18 de abril de 1989, deu seu nome ao Museu Histórico.

Outra contribuição de Paulo Camilher Florençano foi seu empenho na idealização e na criação, em 1975, pela Lei n.º 1.559, de 12 de dezembro de 1975, da Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté - DMPAHT, compreendendo o Setor de Museu Histórico Municipal, Setor de Museu Municipal de Artes Plásticas e Setor de Arquivo Histórico Municipal. Essa iniciativa teve como objetivo valorizar, fortalecer e fomentar o patrimônio histórico da cidade, bem como criar museus em virtude de sua importância no âmbito da história do Brasil. O processo de tombamento de prédios históricos em Taubaté e a fundação de museus sediados em alguns desses prédios concentrou-se na década de 1980. A Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico passou a ser denominada como Área de Museus, Patrimônio e Arquivo Históricos, a partir da Lei Complementar n.º 341, de 21 de maio de 2014, com o objetivo de gerir e manter os museus municipais, preservar a documentação histórica e indicar e vistoriar os bens tombados como patrimônio histórico.

A partir da constatação dos aspectos aqui mencionados, objetivou-se, neste estudo, analisar o lugar que as instituições museológicas ocupam nas sociedades a partir do estudo de caso da cidade de Taubaté, que, além de ter um lugar de destaque na história da região e do Brasil, abriga uma quantidade significativa de museus, o que permite desenvolver a reflexão pretendida a partir da sua especificidade. Para tal, em um primeiro momento apresenta-se e analisa-se a formação desses espaços de memória na história do município, em seguida, procede-se a uma análise de caso do museu de maior visibilidade da cidade, o Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato.



## PERCURSO METODOLÓGICO

Metodologicamente caracterizada como qualitativa, a pesquisa foi realizada a partir da perspectiva do Estudo de Caso, englobando a observação direta e a análise de documentos dos museus da cidade de Taubaté e da Área de Museus, Patrimônio e Arquivo Históricos.

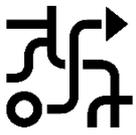
Foram também coletados dados de visita nos registros dos livros de frequência do MHFPML, selecionado por ser o mais visitado da cidade de Taubaté e por ter, de acordo com Vasconcellos (2006), potencial para o turismo, englobando o endógeno.

O livro de visita, organizado com os itens nome, dia da visita e cidade do visitante, é disponibilizado geralmente na entrada dos museus, para registro e assinatura dos visitantes. O Museu aqui estudado segue essa regra, e o registro da visita acontece no momento da entrada no Museu ou da saída. A instituição também disponibilizou, além do livro de visita, o Relatório de Visitantes do Museu elaborado em 2020, que consolida os dados do período 2014 - 2020.

Assim, a análise documental englobou os Relatórios Mensais de Atividades do Museu relativos ao ano de 2019 e o Relatório de Visitantes que consolida os dados do período 2014 - 2020. Dentre os Relatórios de Atividades de 2019, selecionou-se o do mês de outubro como amostragem. Durante esse mês não ocorreu na cidade ou no museu nenhum evento de destaque que pudesse atrair maior quantidade de público visitante. Isso porque outubro não é um mês caracterizado como período de férias; ademais, é um mês que apresenta volume de visita semelhante à dos meses janeiro, março, agosto, novembro e dezembro daquele ano.

No que se refere à abordagem metodológica do estudo de caso, verifica-se que essa metodologia é comumente adotada para estudar fenômenos de modo amplo e complexo que não podem ser investigados fora do contexto em que ocorrem naturalmente. Caracteriza-se como um estudo empírico que busca compreender a especificidade de um fenômeno.

Assim, considerando-se a existência de um setor criado especialmente para a gestão do patrimônio e das instituições museológicas da cidade de Taubaté, a Área de Museus, Patrimônio e Arquivo Históricos, percebe-se uma unidade que se caracteriza como um caso que pode, desse modo, ser estudado em profundidade.



De acordo com Roberto Yin (2001, p. 23), “[...] um estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas”. Nesse sentido, considera-se que essa perspectiva metodológica foi apropriada para alcançar o objetivo estabelecido para este estudo, que engloba como objeto o fenômeno que ocorre em Taubaté, em relação à existência de instituições museológicas na cidade, ao modo como são gerenciadas e à relação que se estabelece entre essas instituições e a sociedade taubateana.

Rosália Duarte (2002, p. 40) afirma que:

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

Ainda com base nas proposições de Duarte (2002), percebe-se que a pesquisa qualitativa se efetiva na observação direta realizada na pesquisa de campo, como forma de coleta de dados, com o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, por meio de intensivo trabalho de campo.

Gil (1995) indica que a aplicação da metodologia do estudo de caso permite aprofundar a investigação de aspectos relacionados ao fenômeno em estudo e das suas relações, por meio da valorização do contato direto com a situação estudada. Assim, a proximidade com o objeto estudado propicia o aprofundamento da análise. O autor aponta que, nessa perspectiva metodológica, busca-se o que é comum, permanecendo-se, entretanto, com abertura para percepção da individualidade e dos significados múltiplos. A partir dessa orientação, entende-se que Taubaté se adequa a essa perspectiva, porque, embora estejam inseridos nos seus limites espaciais urbanos e apresentem características semelhantes, seus museus guardam especificidades particulares.

De acordo com Yin (2001), o estudo de caso surge da necessidade de compreender fenômenos contemporâneos em determinados contextos. Segundo esse autor, o estudo de caso articula várias fontes de evidências.



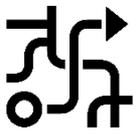
## O LUGAR DOS MUSEUS NA CIDADE DE TAUBATÉ: RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO E LUGAR

Michel de Certeau (2014), em *A invenção do cotidiano*, aponta uma diferença entre “lugar” e “espaço”, e traz uma reflexão sobre esses conceitos. O historiador considera a cidade como objeto de suas reflexões, e assim propõe estender suas observações a outras geografias, que não apenas a urbana. Para esse historiador, é a partir do habitar a cidade que ela passa a ser significada e pode ser transmutada em espaço. Pode-se dizer, assim, que o espaço é o lugar ocupado, apropriado e transformado pelos sujeitos que por ali passam e o significam a partir de suas vivências particulares e sociais; “[...] um lugar é uma ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 2014, p. 184).

A partir dessa premissa, pode-se afirmar que os museus de Taubaté constituem um lugar, no sentido de que coexistem nos limites territoriais urbanos da cidade e foram instalados em prédios históricos ou criados especialmente para a finalidade museológica.

Dentre os prédios especialmente construídos para sediarem museus em Taubaté destaca-se o caso do prédio do Museu Histórico Prof. Paulo Camilher Florençano, construído em 1988. Ao longo do tempo, o Museu Histórico de Taubaté foi sediado em diversos lugares na malha urbana da cidade e recebeu diferentes denominações. Uma de suas sedes foi o Solar da Viscondessa do Tremembé, construído em 1842, em pleno desenvolvimento da cultura do café em Taubaté e na região do vale do Paraíba. Esse prédio é muito significativo na história da cidade, tendo servido de espaço para diferentes funções e órgãos, como o Colégio Taubateano, a partir de 1951 e, em 1975, como a primeira sede da reitoria da Universidade de Taubaté. Desde 2021, abriga a Pró-reitoria de Extensão da Universidade de Taubaté. Foi tombado pela Prefeitura de Taubaté, em 1985, conforme o Decreto n.º 5.411, de 30 de dezembro daquele ano.

Os prédios do Museu Mazzaropi, do Museu da Agricultura de Quiririm e do Museu de História Natural de Taubaté também foram construídos especialmente para acolher esses museus e seus respectivos acervos, oferecendo para a população a possibilidade de acesso a esse capital de memória coletiva.



Tanto Certeau (2014) quanto Nora (1993) refletem sobre a relação entre lugar e espaço. Nora (1993) acrescenta a relação com o tempo, com a memória e a História, e considera o trabalho racionalizado como meio para a instauração de lugares de memória:

O tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída. Aprofundamento decisivo do trabalho da história, por um lado, emergência de uma herança consolidada, por outro. (NORA, 1993, p. 12)

Quando Nora (1993) se refere a uma “herança consolidada”, pode-se inferir que se trata de menção a espaços construídos no decurso da dinâmica histórica e que, ao longo do tempo, foram destituídos de sua função original para serem transformados em lugares de guarda de memória, como instituições museológicas. Nesta, que poderia ser considerada uma categoria, pode-se identificar o Museu de Arte Sacra de Taubaté, que foi inicialmente instalado na Capela de Nossa Senhora do Pilar, construída no século XVIII e tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 1944, e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT, em 1982.

Iniciada em 1725 e inaugurada em 1747, a capela foi erguida em taipa de pilão, com planta hexagonal e fachadas sem adornos, e a cobertura acompanha a geometria da planta, com beirais de cachorro. No interior colunas de madeira sustentam o coro guarnecido de balaustrada em madeira trabalhada, cujo desenho repete-se na mesa de comunhão. Os altares principal e lateral foram construídos posteriormente. A capela demonstra a influência da cultura mineira em Taubaté, pois assemelha-se em estilo à Capela de Nossa Senhora do Ó, de Sabará. (GORDINHO, 2012, p. 264)

Sobre a iniciativa de criar o Museu de Arte Sacra em Taubaté, Andrade (2014) afirma que:

A ideia de se criar um museu especializado em arte sacra em Taubaté não é recente, remonta ao início da década de 1940. Em 1941, quando alguns membros da Sociedade Taubateana de Cultura, entre eles, o Dr. José Ortiz Monteiro Patto e o Prof. Gentil Eugênio de Camargo Leite, lideraram um movimento popular a favor do tombamento histórico da Capela do Pilar, começou-se a pensar em aproveitá-la como um espaço cultural, destinando-o a ser o Museu de Arte Sacra local. (ANDRADE, 2014, p. 109)

A iniciativa se efetivou no dia 23 de dezembro de 1985, quando foi finalmente inaugurado o Museu de Arte Sacra, como resultado de esforços em conjunto da Igreja,



por intermédio da Mitra Diocesana de Taubaté, da Prefeitura Municipal e do trabalho, dentre outros, de Paulo Camilher Florençano, cuja participação nesse processo é ressaltada por Antonio Carlos de Argôllo de Andrade:

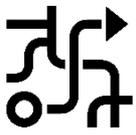
A existência do Museu de Arte Sacra de Taubaté, deve-se ao trabalho incansável do Prof. Paulo Camilher Florençano, seu entusiasta realizador, que providenciou todas as negociações necessárias entre a Prefeitura Municipal, a Mitra Diocesana e a Fundação IPHAN pró-Memória, com o firme propósito de viabilizar a criação e instalação do referido museu. (ANDRADE, 2014, p. 109)

Atualmente, o Museu de Arte Sacra de Taubaté está sediado no prédio da Cúria Diocesana, localizado na Praça Santa Terezinha.

Outro museu que exemplifica a adequação de prédios históricos de Taubaté para sediar instituições museológicas é o do Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato, que se localiza na Av. Monteiro Lobato, s/n, Chácara do Visconde. Esse museu funciona no espaço conhecido como Sítio do Pica-Pau Amarelo, no qual há um casarão feito de taipa de pilão, antiga forma de construção das casas na época do café colonial, que pertenceu ao avô de Monteiro Lobato, o Visconde de Tremembé. O prédio também foi tombado pelo IPHAN, em 1962, e pelo CONDEPHAAT, em 1980. De acordo com Gordinho (2012, p. 268), “O tombamento inclui a casa, a capela, o cruzeiro, uma velha jaqueira e um terreno de sete mil metros quadrados. Abriga o Museu Histórico e Pedagógico Monteiro Lobato, uma exposição iconográfica, sua biblioteca e seus livros de literatura infantil”. De acordo com os Relatórios Mensais do Museu, o de 2019, ano selecionado para esta análise, registra que o Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato foi criado em 4 de novembro de 1958.

Além dos dois prédios aqui analisados, o Museu da Imigração Italiana de Quiririm também foi instalado em um prédio histórico, conhecido como “Casarão da família Indiani”, construído no século XX e localizado no Distrito de Quiririm. O prédio foi tombado pela Prefeitura de Taubaté pelo Decreto n.º 8.483, de 16/05/1997.

Ao tratar das demarcações dos lugares, Michel de Certeau (2014) também analisa os mapas, que prescrevem ações e são animados pelos relatos de percurso. Em Taubaté, todos os museus estão inseridos na zona urbana, em localização de destaque, na zona central da cidade ou em bairros próximos dela. Pode-se dizer, que a localização destes museus contribuiu para a valorização a valorização e reconhecimento destes lugares, visto que eles se constituíram pontos de referência. O museu localizado mais longe da zona central da cidade é o Museu Mazzaropi que



foi instalado no local onde funcionou o estúdio da PAM filmes, empresa do próprio Mazaropi. Outros dois museus localizados longe do centro da cidade, mas em zona urbana são o Museu da imigração Italiana e o Museu da Agricultura, que estão instalados no Distrito de Quiririm, centro urbano de imigração italiana do município de Taubaté. O Museu Monteiro Lobato era, em sua função original, uma propriedade rural e, portanto, afastada do centro da cidade. No entanto, a cidade foi crescendo ao longo do tempo ao seu redor e hoje ele está localizado bem próximo ao centro da cidade, no Bairro denominado Chácara do Visconde.

Nos Relatórios de Atividades do MHFPML, de 2019, verifica-se que um dos tópicos contemplados é o de “As áreas de onde os clientes solicitam rotas até sua empresa”. Nesse tópico, o relatório do mês de outubro aponta como resultado que a maioria dos visitantes era proveniente da própria cidade de Taubaté, alcançando o número de 447. As outras cidades, a partir das quais os visitantes solicitaram rotas para chegar ao Museu Monteiro Lobato, eram da região do vale do Paraíba, aqui apresentadas em ordem decrescente do número de visitas: São José dos Campos (90), Pindamonhangaba (47), Caçapava (46), Campos do Jordão (15), Lorena (11) e Aparecida (10). O relatório apresenta ainda uma lista dos países, cidades e estados de origem dos visitantes. Em outubro de 2019, o total de visitantes foi de 6.282, procedentes de um país estrangeiro (Irlanda) e de 134 cidades brasileiras de 19 estados da Federação.

Para além do lugar físico, institucional, o lugar que o museu ocupa na cidade engloba a dimensão da memória coletiva e da projeção que alcança, devido à notoriedade da temática que aborda. No caso do Museu Monteiro Lobato, a atração de visitantes de outras cidades da região, do país e de outros países indica isso. As obras de Monteiro Lobato atraem atenção desde que foram publicadas, e essa atenção foi potencializada, no seu tempo, pelas ações polêmicas do escritor. Ao longo do tempo, essas polêmicas ecoaram e ainda despertam atenção.

Também é preciso mencionar que as diversas formas pelas quais as obras do escritor foram adaptadas para outras linguagens, teatro, cinema, em especial a televisão, a partir da década de 1950, quando foi ao ar em 1952, produzida pela TV Tupi, a primeira adaptação televisiva das obras infantis de Lobato. Em 1977, as obras infantis foram produzidas pela TV Globo, no programa O Sítio do Pica-pau Amarelo. Essa produção se projetou como a mais famosa versão televisiva que ecoou por



gerações, tanto no Brasil, quanto em outros países, marcando a memória coletiva e contribuindo para que o público quisesse conhecer o cenário dessas histórias, sendo, assim, atraído para conhecer o Museu. Essa é, inclusive, uma justificativa recorrente entre os visitantes que visitam o Museu.

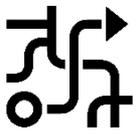
Assim, pode-se dizer que a “fama” de Monteiro Lobato ultrapassa os limites territoriais de Taubaté e da região do vale do Paraíba. No contexto atual emergiu a polêmica acerca da dimensão racista de suas obras infantis de escritor. O artigo “A figura do negro em Monteiro Lobato”, escrito por Marisa Lajolo em 1988, parece ter chamado a atenção para o assunto, que ganhou força nas décadas seguintes. A primeira versão do texto foi apresentada em um contexto que potencializou o seu sentido, no Congresso 100 Anos de Abolição, na Universidade de São Paulo, em junho de 1988.

Atualmente a discussão englobou inclusive a possibilidade de impingir intervenções diretas e “reescrever” as obras. Cilza Bignotto (2021) foi uma das autoras que analisou a questão, que se configurou como uma grande e complexa polêmica com foco entre as relações entre literatura e sociedade. Embora a questão sobre racismo na obra infantil de Monteiro Lobato não tenha relação direta com o escopo e os objetivos deste artigo, pode-se inferir que essa polêmica também tem contribuído para atrair a atenção das pessoas para as obras do escritor e para o Museu dedicado à sua memória na cidade de Taubaté.

## **O LUGAR DOS MUSEUS NA CIDADE DE TAUBATÉ E AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS**

A partir da materialidade dos museus, de sua localização na cidade e da relação de sua história com a dos municípios, articulam-se e estabelecem-se relações de identidade. Sobre essa dimensão, Poulot (2013, p. 35) afirma que “Os museus de história se inscrevem comumente em uma perspectiva identitária para defender uma convicção, uma nação ou comunidades”.

Em sua tese sobre a dimensão da Taubaté como cidade educadora, Clarisse Cancela (2019, p. 102) remete ao Plano Museológico do Museu Monteiro Lobato, salientando que nesse documento “É possível perceber a ênfase dada à relação do Museu com a cidade em que se localiza, onde a instituição é denominada de museu de cidade”.



De acordo com a introdução dos Relatórios mensais do Museu, o de 2019, indica que o museu:

[...] disponibiliza extensa área de 20.000 m<sup>2</sup>, com uma casa construída como exemplar típico das chácaras que envolviam as chamadas “Cidades do Café”, onde Lobato viveu sua infância. O seu modelo arquitetônico segue os padrões típicos europeus, com sua construção da América Colonial. Uma grande viagem histórica para quem busca lazer e entretenimento.

Esse museu é considerado um patrimônio de Taubaté e recebe diariamente diversas visitas de escolas e crianças, pois oferece, utilizando seu amplo espaço externo e arborizado, diversas atividades educativas, além de contar a história do local. Clarisse Cancela (2019, p. 99) afirma que:

Nas entrevistas realizadas com os visitantes para a realização desta pesquisa, foi possível constatar que muitos pais vão ao museu não apenas para passear com seus filhos, mas para relembrar a infância, embora considerem que os filhos também acabam se apaixonando pelos personagens.

Os relatos dos entrevistados manifestam suas impressões sobre essas visitas e apontam para a importância dos livros de Monteiro Lobato e da série de televisão inspirada nas histórias do autor como motivadores do passeio (CANCELA, 2019). Michel de Certeau (2014, p. 185) atribui aos relatos a função de preencher os mapas e de organizar os espaços: “Os relatos efetuam portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros”.

No Relatório de Visitantes (MHFPML, 2020) foi possível constatar que se repete nos anos analisados, de 2014 a 2019, o significativo aumento das visitas ao museu nos meses de abril e de julho. Em abril, esse aumento se deve à Semana Monteiro Lobato, que é realizada anualmente, há mais de 60 anos. Já em julho, o aumento da visitação ocorre em virtude do período das férias escolares.

O MHFPML manteve, no período 2014 - 2019, a média de mais de 100 mil visitantes por ano, recebendo menos de 100 mil apenas em 2017 (86.640). No que se refere ao tipo de público, verificou-se que, embora o público escolar seja alto, o espontâneo o supera em mais do que o dobro, o que indica o interesse da sociedade pelo Museu. Como amostragem, pode-se apresentar os números consolidados no Relatório de outubro de 2019, um mês no qual não houve nenhum evento especial e



que não se caracteriza como mês de férias. Nesse mês o público total foi de 6.282 pessoas: 5.266 de público espontâneo e 796 de público escolar.

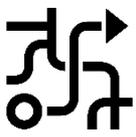
Mesmo que no dia 12 de outubro (um sábado, em 2019) seja comemorado o Dia das Crianças, o fato não parece ter influenciado expressivamente no número de visitantes, que se manteve semelhante ao de agosto (6.033) ou mesmo dezembro (5.125) do mesmo ano.

Em 2019, os meses com maior número de visitantes foram abril (11.356), maio (35.120) junho (9.325,) e julho (14.898). O índice de abril reflete a comemoração da Semana Monteiro Lobato (12 a 18, naquele ano), e o mês de julho, as férias escolares, como mencionado acima. O Relatório de Visitantes do período 2014 – 2020 aponta maio de 2019, (35.120) como o único mês que superou julho (férias escolares) e abril (Semana Monteiro Lobato). Não se encontra uma justificativa para tal, mas é provável que algum evento não promovido pelo próprio MHFPMML tenha influenciado em tal número de visitas.

Esse público é atraído pelo Museu, pelas atividades que ele promove, pela memória de Monteiro Lobato, mas também pela sua extensa área externa, na qual as crianças brincam com diversos brinquedos de madeira e com as personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, representadas por atores e por estátuas distribuídas pelo espaço. Nesse sentido, estabelece-se uma relação de pertencimento, de construção de memórias individuais e coletivas de infância, e de acesso a memórias constituídas, no caso dos adultos.

Jacques Le Goff (2000, p. 57) afirma que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar a ‘identidade’, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”.

Uma particularidade a respeito do Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato é a articulação entre sua territorialidade e sua função museológica. O casarão de taipa que abriga o museu foi a casa onde o escritor Monteiro Lobato nasceu e viveu até meados de sua adolescência, segundo documentos que o próprio museu abriga em seu acervo documental. Suas obras infantis, que o tornaram nacionalmente conhecido, fizeram (e ainda fazem) parte do imaginário popular e da memória coletiva. A Chácara do Visconde foi o espaço que inspirou o autor a descrever, nas obras do “Sítio do Pica-pau Amarelo”, o entorno que fez parte de sua infância e que, por consequência, marca a memória do público que visita o Museu. Há



de se destacar que as instituições escolares do município também mantêm as produções literárias de Lobato entre suas práticas de leituras; movimento que ganha proporções nacionais, com a Lei n.º 12.388 de 2011, que confere à Taubaté o título de Capital Nacional da Literatura Infantil.

Sobre esse aspecto, denominado “espírito do lugar”, que pode ser identificado no caso do Museu Monteiro Lobato, a Declaração de Québec (2008) reconhece que o espírito do lugar, ou *spiritu loci*, como é chamado no documento, é composto por elementos tangíveis (edifícios, paisagens, rotas, objetos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, festivais, comemorações, rituais etc.). Todos esses elementos dão uma contribuição importante para formar o lugar e lhe conferir um espírito, o *Spiritu Loci*. O MHFPML apresenta múltiplos patrimônios interrelacionados — arquitetura, paisagem e seu patrono (considerando sua vida e sua obra) — que são considerados constituintes do Museu.

Para Pierre Nora (1993), uma das mais importantes funções de uma instituição museológica é a de ser, como todo espaço público, um lugar de socialização a partir da visitação. Segundo Varine (2013), os museus ainda são as instituições que mais representam os patrimônios de uma sociedade, assim como as ações da sociedade sobre eles. Constituem-se como importantes caminhos para que se administre de forma dinâmica o patrimônio territorial de suas comunidades, favorecendo assim que elas articulem o museu com seu território e que, dessa forma, ele não fique isolado ou sem significado.

Pensar sobre a relação estabelecida entre a população e seu território deve considerar que a cidade é produto de uma sociedade que a transforma constantemente. Dessa relação surgem marcas que se sobrepõem, definindo novas paisagens e, por vezes, apagando testemunhas de um passado vivido por essa mesma sociedade. Segundo Le Goff (1998), as cidades não são construídas somente a partir de dispositivos governamentais, mas também pela representação mental e pela prática de seus habitantes, que se identificam com elas e podem acrescentar, com seus lugares de memória, na perspectiva de Nora (1993), lugares que garantem que a memória individual e coletiva se perpetue.

Analisar o fluxo de visitação de um museu por seu livro de visitantes pode revelar muitos outros aspectos e questões que envolvem esse tipo de instituição. Chagas (2005) chama a atenção para o fato de que o lugar social do museu abrange



a frequência dos visitantes numa perspectiva antropológica. Isso implica perceber que, de acordo com orientações e estudos como os promovidos pelo IBRAM e pelo International Council of Museums - ICOM, o museu deve ser considerado desse modo, um lugar de estar, um lugar de memória, mas também um lugar social. Isso significa que não deve ser visitado uma vez, para conhecê-lo, mas várias vezes, considerando-o como um espaço de lazer.

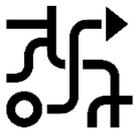
Esse aspecto pode ser observado principalmente no Museu Monteiro Lobato, no qual há espaço externo onde as crianças brincam e passeiam com as famílias, onde são realizadas atividades temporárias, como eventos e exposições de curta duração com acervos de outras instituições. Além disso, a rotatividade das peças de teatro exibidas no museu promove a frequência por mais de uma vez. Assim, o museu consolida-se como um lugar social de cultura e lazer, ultrapassando a dimensão estática de lugar que se restringe à preservação da memória.

## **CONCLUSÕES**

Ao término deste estudo, que abre uma gama de outras possibilidades investigativas, percebeu-se que o conjunto de museus de Taubaté apresenta aspectos em comum que abrangem sua constituição orgânica pela gestão pública de oito dos dez museus, pela concepção que norteou sua criação e pela sua inserção na cidade, que tem características históricas marcantes. Assim, concluiu-se que o lugar dos museus nas sociedades é composto pela existência concreta das instituições e pela relação de sua história com o contexto social, e que o caso de Taubaté apresenta aspectos específicos, tais como a longevidade da cidade e sua articulação direta com a história regional e nacional.

A constatação de que a Prefeitura da cidade tem em seu organograma um setor dedicado à gestão do patrimônio histórico, do arquivo e das instituições museológicas indica a amplitude dessa área na cidade, que pode exigir uma organização passível de atender as demandas de modo eficaz, e também de revelar uma preocupação em manter o conjunto de modo orgânico.

A existência de documentação nos museus atende a exigências legais vigentes, bem como à necessidade administrativa do poder executivo do município e também permitiu a realização deste estudo, que trouxe às autoras a percepção de



outras vertentes analíticas que poderão ser mais aprofundadas, como exemplo, o fluxo de visitação desses museus.

Neste estudo foi possível perceber também que o lugar das instituições museológicas em uma cidade são demarcados no tecido urbano, estáticos, por estarem localizados em prédios; no entanto, mesmo assim podem mudar, como aconteceu com o Museu Histórico Prof. Paulo Camilher Florençano, que foi sediado em diferentes prédios históricos da cidade, que também se constituem como lugares sociais. Foi possível observar também que o Museu Monteiro Lobato evoca memórias anteriores à visitação e constrói outras, por intermédio das atividades e dos ambientes oferecidos, efetivando o espaço também como lugar de memória. Como lugar social, os museus articulam suas próprias trajetórias históricas com a História da cidade, acompanhando seus contextos sócio-históricos e adequando-se a eles.

## **FONTES**

BENS TOMBADOS PELO MUNICÍPIO DE TAUBATÉ. Atualizada em 26/02/2021. Prefeitura Municipal de Taubaté, Secretaria de Turismo e Cultura.

BRASIL, Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos Lei n. 378, de 13 de janeiro de 1937. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/l0378.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l0378.htm) Acessado em: 15/01/2024.

PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU HISTÓRICO, FOLCLÓRICO E PEDAGÓGICO MONTEIRO LOBATO. Acam Portinari e Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato. Taubaté-SP, 2010.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES, outubro de 2019. Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato. Taubaté-SP.

RELATÓRIO DE VISITANTES DO MUSEU HISTÓRICO, FOLCLÓRICO E PEDAGÓGICO MONTEIRO LOBATO. 2020.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, Maria Morgado de. *Taubaté: de núcleo irradiador de Bandeirismo a Centro Industrial e universitário do Vale do Paraíba*. Aparecida-SP: Editora Santuário, 1985.

ANDRADE, Antônio Carlos de Argôllo. *Histórico da Capela de Nossa Senhora do Pilar de Taubaté, um exemplar do Barroco Mineiro no Vale do Paraíba*. Taubaté-SP, 2014 (não publicado).



BIGNOTTO, Cilza. Reescrevendo a narrativa: racismo em livros infantis da época de Monteiro Lobato. In. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. 23 (43). 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rblc/a/cQnMN7HBKNpcxwkGjZRspwK/> Acesso em: 15/02/2024.

CANCELA, Clarisse Duarte Magalhães. *O Sítio do Pica-pau Amarelo e seu território: a cidade de Taubaté*. Doutorado [Tese]. Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC/RIO, Rio de Janeiro, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22. ed. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

CHAGAS, Mário. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. *Revista do IPHAN*, n.º 40. São Paulo-SP: Editora IPHAN, 2005, p.15-25.

CHUVA, Márcia (2020). Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. In Alice Duarte (ed.), *Seminários DEP/FLUP*, v.1. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, p. 16-35. Disponível em: <https://doi.org/10.21747/9789898969682/seminariosv1a1> Acessado em: 12/02/2024.

COSTA, Silvio. *Taubaté: o local e o global na construção do desenvolvimento*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2005.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa* n. 115, p. 139 – 154, março, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf> Acesso em: 23/04/2020

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GORDINHO, Margarida Cintra. *Patrimônio do Litoral paulista e do Vale do Paraíba*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

ICOMOS. *Declaração de Québec: Sobre a preservação do “Spiritu loci”*. 2008. Disponível em: [http://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16\\_Quebec\\_Declaration\\_Final\\_PT.pdf](http://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf) Acesso em: 27/03/2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. *Censo 2022*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/taubate/panorama> Acesso em: 09/12/2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Museus em Números*. vol. 1. Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/museus-em-numeros-volume-1/> Acesso em: 31/01/2021.

LAJOLO, Marisa. *A figura do negro em Monteiro Lobato*. Unicamp/IEL 1998. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf> Acesso em: 11/02/2024.



LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2 volumes. Trad. Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2000.

LE GOFF, J. Por amor às cidades: Conversações com Jean Lebrun. Trad. MORAES, R. C. C. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

MENESES, José Newton C. Memória e Historicidade dos lugares: uma reflexão sobre a interpretação do patrimônio cultural das cidades. In: AZEVEDO, Flávia; CATÃO, Leandro; PIRES, João Ricardo (orgs.) *Cidadania, Memória e Patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009, p. 32-45.

NORA, Pierre. “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História* (PUC/SP), São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. O IPHAN e o seu papel na construção/ampliação do conceito de patrimônio histórico/cultural no Brasil. *Cadernos do CEOM*, ano 21, n. 29. Bens culturais e ambientais, 2008.

PEREGRINO, Miriane da Costa. SPHAN/Pró-Memória: abertura política e novos rumos para a preservação do patrimônio nacional. *Revista Confluências Culturais*. v. 1, n. 1 setembro de 2012. Disponível em: <https://periodicos.univille.br/RCC/article/view/563/506> Acesso em: 14/02/2024.

POULOT, Dominique. *Museu e Museologia*. Belo horizonte: Autêntica, 2009.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento Brasileiro)

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. *Turismo e Museus*. São Paulo: Aleph, 2006.

VARINE, Hughes de. *As raízes do Futuro: o Patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Trad. Maria de Lourdes Parreira Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

YIN, Roberto K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi, 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em 13/12/2023

Aprovado em 05/03/2024